

AGRICULTURA FAMILIAR CONTEMPORÂNEA E IDENTIDADE CULTURAL: dos produtores rurais do município de Catalão (GO) Brasil^{1 2}

Laila Maria de Sousa NAVES

Graduanda do curso de Geografia, Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão. Núcleo de Estudos e Pesquisas Sócio-Ambientais (NEPSA/CNPq). Bolsista PIVIC/CNPq/UFG. E-mail: laila_naves@hotmail.com

Estevane de Paula Pontes MENDES

Profª Dra do Curso de Geografia, Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão. Núcleo de Estudos e Pesquisas Sócio-Ambientais (NEPSA/CNPq). E-mail: iemendes@ibest.com.br

Resumo: Os elementos que formam a identidade cultural de um povo podem ser analisados sob diversos aspectos. As tradições, a religiosidade e a organização econômica observadas em um território são fatores que podem ser utilizados para um melhor entendimento do povo que o habita. Esse artigo trata-se de uma discussão sobre o modo de vida dos produtores rurais do município de Catalão, Estado de Goiás, enfatizando as relações familiares, as formas de cooperação e solidariedade e a interação entre os vizinhos e as manifestações religiosas. A realização dessa pesquisa envolveu análises de livros, teses e dissertações que tratam da agricultura familiar, territorialidade e cultura dos produtores rurais, além de uma análise em fontes primárias e secundárias. Os costumes, a religiosidade, a forma de trabalho e a organização econômica formam a base para identidade cultural dessas famílias de produtores, que têm se adaptado para resistir às mudanças advindas com o processo de urbanização.

Palavras-chave: Agricultura familiar. Comunidades rurais. Território. Cultura. Catalão (GO), Brasil.

1 Introdução

Os habitantes de uma região possuem uma noção intuitiva da identificação simbólica do lugar. A identidade associada a esse conceito manifesta-se de maneira individual e coletiva, definindo o indivíduo a partir de características que o integram ao todo, com a coletividade. Aspectos como as tradições, a religiosidade e a organização econômica são fatores que podem ser utilizados para se obter um maior entendimento de um povo, fatores esses que são utilizados para fazer uma discussão sobre a vida do produtor familiar, entendendo como esse se situa na sociedade contemporânea e compreender o modo como sua identidade cultural é mantida ainda nos dias de hoje.

Assim, propõe-se uma discussão sobre o modo de vida dos produtores rurais do município de Catalão, Estado de Goiás, enfatizando os principais aspectos que definem a identidade cultural, o território, a cultura e o modo de vida desses produtores, abordando temas como as relações de parentesco e as formas de cooperação e solidariedade entre as famílias e vizinhos, assim como a propriedade, local de trabalho desses produtores.

Essa pesquisa foi realizada a partir de uma revisão de literatura, utilizando-se obras que tratam das temáticas agricultura familiar, territorialidade e cultura, além de trabalhos que exploram a realidade dos produtores rurais do município de Catalão (GO), dentre eles Mendes (2005, 2008), Mendonça (2004), Venâncio (2008), Candido (1999), Buber (1987), Woortmann (1995), Tedesco (1999) e Almeida (2008). As comunidades rurais abordadas nessa pesquisa foram: Coqueiro (38 sedes/residências), Ribeirão (72 sedes/residências), Morro Agudo/Cisterna (79 sedes/residências), Mata Preta (64 sedes/residências), e São Domingos (92 sedes/residências), no município de Catalão (GO).

A área em estudo está localizada no sudeste do Estado de Goiás, abrangendo uma área de 3.777,6km² (IBGE - Censo, 2000), que corresponde a 1,11% do território goiano. As

¹ Resultado de pesquisa vinculado ao projeto "A agricultura familiar na ruralidade brasileiras: produtores rurais no município de Catalão" PRPPG/SAPP: 31968 sob orientação da Professora Doutora Estevane de Paula Pontes Mendes.

² 6 Problemática dos espaços agrários.

comunidades rurais, escolhidas para a pesquisa, localizam-se na parte noroeste do município, distando, aproximadamente, entre 15km e 60km da sede municipal. O acesso às comunidades rurais se dá por estradas vicinais e, principalmente, pela BR-050, no sentido Catalão – Brasília.

Estudar as comunidades rurais consiste em compreender o modo de vida dos produtores rurais, sua interação com o meio, e as estratégias usadas para preservar essas tradições. A comunidade desempenha dois importantes papéis na vida de seus integrantes, promovendo a interação entre as pessoas que dela fazem parte, visto que compartilham o mesmo espaço de vivência, ao mesmo tempo que enfatiza a consciência de individualidade em cada um, já que cada integrante desempenha um papel específico na comunidade.

Embora seja grande a participação da agricultura empresarial, no município de Catalão (GO) a produção baseada na agricultura familiar é bastante expressiva. Um traço comum entre esses dois tipos de produção é o fato de que parte da produção se destina ao consumo das próprias unidades produtivas, enquanto a outra parte é destinada ao mercado. Porém, para os agricultores familiares, a produção para o consumo próprio é visto como uma prioridade. A maneira que os produtores familiares empregam suas técnicas de produção permite que a memória da família, assim como suas tradições, sejam preservadas, o que fundamenta sua territorialidade.

Para que se possa desenvolver uma pesquisa de natureza geográfica, é necessário possuir domínio do conteúdo teórico e conceitual por meio de leituras específicas, domínio das técnicas e instrumentos de apoio à realização da pesquisa e domínio da metodologia a ser utilizada quanto à natureza da pesquisa, conteúdo pesquisado e objetivos.

Nesse sentido, para a realização da pesquisa foram feitos levantamentos de dados estatísticos e revisão da literatura a respeito da temática. A princípio, a pesquisa, envolveu análises de livros, teses e dissertações que tratam da agricultura familiar, territorialidade e cultura dos produtores rurais. Foram feitas, também, leituras sobre as novas reorganizações do espaço, com ênfase nas transformações espaciais, sócio-econômicas e culturais. Por meio de dados presentes em fontes secundárias, foi possível traçar o perfil do produtor rural do município de Catalão (GO), permitindo uma melhor compreensão das relações entre o homem e o meio, assim como a forma com que ele preserva sua identidade cultural.

2 O território, a propriedade, a família e o trabalho

Além da agricultura empresarial moderna, é também praticada nas comunidades rurais do município de Catalão (GO) a agricultura familiar, que Lamarche (1993) define como uma unidade de produção em que há uma forte correlação entre o trabalho e a família. Nela, cada família é detentora da terra, dos instrumentos de trabalho e de um conjunto de técnicas para a administração do patrimônio, muitas vezes empregando a força de trabalho dos próprios membros da família e, de acordo com as necessidades da unidade produtora, trabalhadores temporários.

O território assume um papel de destaque no modo de vida do produtor familiar, influenciando na cultura e na sua organização econômica. A territorialidade desses produtores pode ser melhor entendida tomando por base não somente a propriedade, mas também a família, a cultura as formas de trabalho empregada por seus habitantes.

Venâncio (2008), que realizou um estudo sobre a comunidade São Domingos no município de Catalão (GO), fez em sua pesquisa uma discussão sobre diferentes correntes de pensamento referentes ao território. A corrente naturalista o vê como algo inerente a um povo ou a uma nação, que se interessa tanto com a conquista do território quanto com a sua proteção. Outra concepção trata o território em função das relações que o indivíduo faz com o local de vivência, dentro e fora dele. Há também uma corrente que trata das relações entre a natureza e a sociedade, analisando como a luta por sobrevivência de um povo pode influenciar na transformação de um meio.

O território influi diretamente na economia, na política e na sociedade como um todo, criando um conjunto de símbolos e significados. Assim, a identidade cultural e o território possuem uma forte correlação: “[...] o território é, antes de tudo, uma convivialidade, uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem à sua terra e, simultaneamente, estabelece sua identidade cultural.” (ALMEIDA, 2008, p. 58). Nesse contexto, o território exerce grande influência na cultura de um povo. Os aspectos culturais estão intimamente relacionados ao território e isso se manifesta em diferentes níveis, visto que regiões diferentes apresentam costumes diferentes. Sobre o assunto, Almeida (2008) afirma que a cultura tanto se integra às paisagens quanto as modifica. Para ilustrar essa idéia, pode-se citar o exemplo das comidas típicas de cada região: enquanto um morador do interior paulista (“caipira”) consome com frequência a uva, como reflexo da forte influência dos imigrantes italianos na região, no interior de Goiás, tem-se o pequi (fruto típico do Cerrado), a guariroba (palmeira arbórea), o empadão goiano (prato salgado à base de frango), a ambrosia (doce feito de ovos e leite) entre outros, o que exemplifica a importância do território para a identidade cultural de um povo.

Nos dizeres de Wagner e Mikesell (2003, p. 28-29): “[...] a cultura também está assentada numa base geográfica, pois é provável que só ocorra comunicação regular e compartilhada entre pessoas que ocupam uma área comum”. Dessa forma, a maneira como uma comunidade rural interage com a sociedade apresenta diferenças de região para região. Aspectos culturais, como tradições, memória e religiosidade podem ser promovidos, modificados ou até mesmo desestimulados, de acordo com os costumes de cada território, proporcionando o surgimento de diversos espaços culturais em diferentes locais.

Como a territorialidade pode ser analisada tomando por base as condições de vida e trabalho dos produtores, é necessário analisar os impactos que esses sofreram com a chegada do capitalismo ao campo. O desenvolvimento econômico provocou profundas mudanças nas paisagens naturais do Cerrado goiano a partir da década de 1980, como resultado da expansão da fronteira agrícola. Essas modificações foram em consequência do modelo capitalista, implantando no Brasil a partir da década de 1960.

O capitalismo estabeleceu novas formas de relações de trabalho e de produção no campo, mas ele não se desenvolveu de maneira homogênea em todo o território brasileiro. Essas mudanças só foram sentidas em Catalão (GO) no final da década de 1980, quando houve uma dinamização do capitalismo na região. Data desta época o início da produção de soja voltada para a exportação, impulsionada principalmente pelos investimentos em pesquisas agrônomicas e programas de créditos criados pelo Estado. A partir dessa época, houve uma profunda mudança na forma de organização do trabalho, caracterizada pela diminuição das relações de trabalho familiar e pelo aumento da proletarianização no campo, além de modificações das paisagens naturais.

A modernização do setor rural pode ser entendida como medidas que possibilitam a utilização dos recursos naturais para se obter maiores ganhos econômicos. Isso é possível graças aos novos recursos técnicos que foram inseridos na atividade agrícola. A modernização abriu portas para novos mercados, criando um ambiente propício à proliferação do capitalismo. Esse processo teve início a partir da década de 1970, quando foi firmada uma aliança entre o governo e a classe dominante rural, proporcionando uma considerável modernização do setor. Diante disso, o avanço tecnológico da agricultura e o capitalismo emergente impulsionaram a monetarização das relações, diminuindo a qualidade de vida de muitos produtores rurais.

O processo de modernização da agricultura tende a beneficiar a agricultura empresarial moderna em diferentes aspectos, ao mesmo tempo em que cria condições desfavoráveis para o pequeno produtor. Uma situação que ilustra essa tendência pode ser observada nas práticas de mercado, onde é comum que se atrase a venda de um produto, na expectativa de se conseguir melhores preços. Isso é perfeitamente aceitável quando o produto em questão seja a soja ou o milho, mas é impensável quando se considera hortaliças. Diante disso, o pequeno produtor rural tem adotado estratégias que melhor se enquadram no contexto familiar, fazendo uso de técnicas que aprenderam a partir da experiência, podendo sobreviver ao sistema capitalista e ao mesmo

tempo utilizar os conhecimentos que adquiriram ao longo de gerações, o que faz de sua cultura um fator de grande importância.

Portanto, o modelo de modernização adotado não foi o mais apropriado à realidade do pequeno produtor. Um exemplo, citado por Andrade et al. (2000), que analisaram em seu trabalho os métodos de assistência técnica para a reforma agrária, é a conhecida Revolução Verde, um conjunto de sementes e técnicas disseminadas nos países subdesenvolvidos a partir das décadas de 1960 e 1970. Segundo os autores, essas técnicas eram mais adequadas à agricultura empresarial, fazendo uso amplo de insumos e maquinário, não tendo, portanto qualquer afinidade com a realidade das comunidades que praticam agricultura familiar. Além disso, o agricultor familiar nem sempre possui terras que sejam adequadas para o uso de máquinas, trabalha com policultura e geralmente encontra dificuldades em obter crédito para fazer investimentos, ficando, assim, alheios aos benefícios prometidos pelo processo de modernização.

O desenvolvimento do capitalismo no campo tem levado à gradativa diminuição da população rural que muitas vezes, ao migrarem para a cidade, enfrentam grandes dificuldades. Além disso, a falta de qualificação profissional e a pouca escolaridade fazem com que esse novo morador da cidade agrave ainda mais os problemas sociais ligados à marginalização. Paralelo a isso, hoje é possível observar a dependência que a cidade tem das pequenas propriedades rurais, uma vez que é de lá que vem grande parte dos alimentos consumidos no meio urbano. Os estudos de Didonet (2003)³, 31% do arroz, 70% do feijão e 49% do milho têm suas origens na agricultura familiar e, no Brasil, 60% dos trabalhadores da agricultura atuam na agricultura familiar.

Embora as teorias de Marx indicassem que o desenvolvimento do capitalismo faria com que a unidade de produção baseada na família tendesse a diminuir ou mesmo desaparecer, não foi isso o que se verificou. A inserção do capitalismo no meio rural levou os pequenos produtores a criarem novas estratégias de produção, aumentando as chances de eles permanecerem no campo e dele tirarem o sustento.

3.1 Modernização da agricultura: os produtores familiares do município de Catalão (GO)

No caso específico do município de Catalão (GO), vivenciou-se na década de 1980 a expansão da fronteira agrícola, com a popularização da soja entre os grandes produtores. As paisagens desse município, que eram compostas pelo Cerrado e por áreas de criação extensiva de gado foram, pouco a pouco, desaparecendo, dando lugar a carvoeiras que se instalaram rapidamente, resultando no desmatamento de grandes porções de mata nativa. Lavouras nunca antes vistas nessa região começaram a aparecer e as pastagens naturais cederam lugar a novas variedades de gramíneas (*brachiaria dictyoneura*) graminosa entre outras, possibilitando maior produtividade na criação de gado. Com o intuito de corrigir o pH do solo do Cerrado, camadas de calcário foram aplicadas. A vegetação de troncos tortuosos é hoje pouco comum nessa região, como resultado de todo esse processo.

Em Catalão (GO) o processo de modernização foi mais acentuado nas regiões de topografia plana, que eram, a princípio, utilizadas como áreas de criação extensiva de gado. A baixa produtividade dessas regiões, devido em grande parte à acidez do solo (que não permitia o uso de forrageiras de melhor qualidade) fazia com elas apresentassem um baixo valor imobiliário. Dessa forma, essas terras foram em grande parte vendidas a migrantes que dispunham do capital e do conhecimento necessários para fazer um melhor uso dessas terras. Esses vieram predominantemente do sul e sudeste do país, mais especificamente das regiões do Rio Grande do Sul e de São Paulo.

A fim de conseguir sobreviver em novo mundo repleto de mudanças, o agricultor familiar buscou na experiência adquirida ao longo das gerações os meios necessários para sobreviver. Atualmente, uma das estratégias utilizadas pelos produtores rurais do município é a

³ Pesquisador da Embrapa Arroz e Feijão.

diversificação da produção. Diferentemente do que acontece na agricultura empresarial, cujos produtores trabalham visando à exportação, os produtores que utilizam a agricultura familiar procuram valorizar produtos típicos e tradicionais, oferecendo uma diversidade de produtos para o mercado. De fato, a participação dos produtores junto a padarias e supermercados da cidade tem crescido cada vez mais no mercado, oferecendo produtos naturais de boa qualidade. Esse cenário foi identificado por Mendes (2005), correspondendo a menos de 50% das propriedades analisadas em sua pesquisa.

Wanderley (2001), que realiza um estudo sobre as raízes do campesinato no Brasil e sua influência sobre a agricultura familiar moderna, destaca que os produtores utilizam-se da experiência e dos recursos que têm disponíveis como “armas” para enfrentar os novos desafios que surgiram. Essa experiência pode ser vista na forma como o trabalho é desenvolvido nas propriedades rurais, sendo importante o seu entendimento. A forma de trabalho do agricultor familiar do município de Catalão (GO) foi também analisado por Mendes (2005) em suas pesquisas referentes à produção rural familiar, constatando que há nessas famílias de produtores rurais atribuições bem definidas, cabendo aos homens o papel do trabalho no campo, sendo ajudados desde cedo pelos filhos, enquanto cabe às mulheres a responsabilidade de exercer as atividades domésticas, contando com a ajuda das filhas.

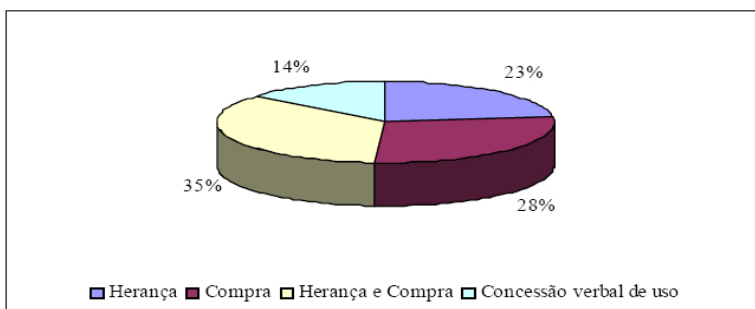
A reprodução do modo de vida dessas famílias está intimamente ligada às estratégias por elas adotadas. Essas estratégias familiares consistem em tentar garantir que as novas gerações consigam se manter no campo Brumer et al. (1993). No dizer desse autor:

Estratégias familiares são respostas dadas por cada família a fim de assegurar ao mesmo tempo a sua própria reprodução e a de sua exploração. Poder-se-ia dizer, simplificando, que o grande desafio dos agricultores brasileiros consiste em garantir um espaço aos numerosos ‘herdeiros’, um lugar de trabalho (muitas vezes a própria exploração familiar), sem que isso se torne técnica e economicamente inviável. (BRUMER et al., 1993, p. 205).

Observa-se que o trabalho no campo, para os produtores do município de Catalão (GO), não ocupa todo o tempo. Dependendo da espécie cultivada, pode haver um período de latência entre plantio e colheita, o que possibilita ao produtor se dedicar ao cultivo e à fabricação de outros produtos. Os principais produtos que abastecem as panificadoras, supermercados, frutarias e feiras da cidade são: a farinha de mandioca, o polvilho, a farinha de milho, conservas, licores de frutas da estação, doces, geléias, queijos, requeijões, aguardentes, rapadura, açúcar mascavo, açafraão, mel entre outros tipos de quitandas. Em especial, o alho, que por necessitar de terras férteis e água para a irrigação, tem na Comunidade Cisterna o seu maior produtor, seguida da comunidade Coqueiros, que produz alho há mais de vinte anos. Destaca-se também a produção de leite na comunidade Ribeirão, onde há uma propriedade que utiliza a ordenha mecanizada – uma exceção na região.

Tendo estudado a agricultura familiar na região rural de Catalão (GO), é interessante analisar também as propriedades onde as famílias de produtores realizam seus trabalhos. Como mostra o Gráfico 1, a propriedade nas comunidades Coqueiro, Ribeirão, Morro Agudo/Cisterna e Mata Preta é quase sempre adquirida por meio de herança, o que acaba se tornando uma forma de manter a identidade desse povo, sendo comum a transferência da propriedade para as próximas gerações ainda em vida, propiciando assim, a continuidade sócio-cultural.

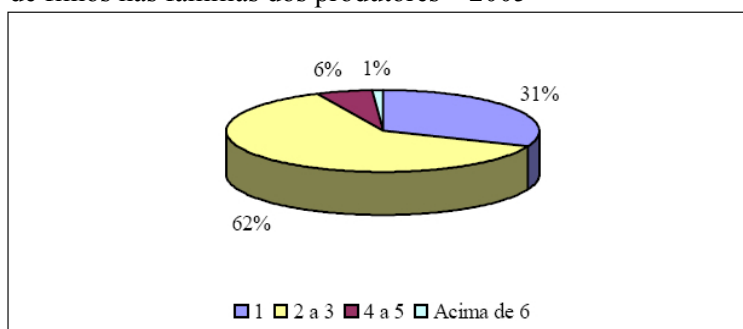
Gráfico 1 - Comunidades Rurais Coqueiro, Ribeirão, Morro Agudo/Cisterna e Mata Preta em Catalão (GO): formas de acesso à propriedade fundiária - 2003.



Fonte: Pesquisa de campo (2003). Org. MENDES, E. P. P. (2005).

As primeiras famílias a habitarem as regiões rurais do município de Catalão (GO) chegaram ao final do século XIX, favorecidas pela construção da Rede Ferroviária Federal, sendo, em sua maioria, de origem portuguesa. Essas famílias vieram com o objetivo de retirar a mata nativa para cultivar a terra e criar pequenos rebanhos, tudo em favor do sustento familiar. Por serem poucas as necessidades, não havia muitos problemas relacionados ao consumo, de maneira que a cultura de subsistência era suficiente para atender às suas necessidades. Essas famílias eram numerosas, contendo entre sete a quatorze filhos e conseguiram, ao longo das gerações, manter muitos dos seus costumes (MENDES, 2008). Eles constituíram um espaço onde era possível trabalhar e guardar a memória da família. Hoje, a preocupação com a educação e o futuro dos filhos, além da adoção de métodos contraceptivos tem reduzido o número de filhos para dois ou três por família (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Comunidades Rurais Coqueiro, Ribeirão, Morro Agudo/Cisterna e Mata Preta em Catalão (GO): Taxa média de filhos nas famílias dos produtores – 2005



Fonte: Pesquisa de campo (2003) e Secretaria Municipal de Saúde de Catalão (2005). Org. MENDES, E. P. P. (2005).

O fato dessas famílias serem, geralmente, numerosas refletia no tamanho das residências (Figura 1), sendo comum casas amplas, com quartos cujas entradas davam para a sala de visitas e para a sala-copa, de forma a aproveitar ao máximo todos os espaços. Era costume da época receber as visitas na cozinha e deixar o acesso ao corpo da casa restrito aos membros da família. Esses fatores influenciavam também na arquitetura das construções, com a cozinha sendo construída separadamente do restante da casa, com as duas partes sendo conectadas por uma área de circulação. Era comum o uso de porões, os quais eram construídos para estocar gêneros alimentícios. É interessante notar que as residências eram geralmente feitas pelos próprios proprietários, muitas vezes ajudados por parentes e vizinhos. Pouco resta dessas construções, uma vez que muitas foram demolidas ou reformadas, sem que se mantivesse a arquitetura original (MENDES, 2005).



Figura 1 - Comunidade Coqueiro - Catalão (GO): casa construída no início do século XX.

Autor: I. M. Ferreira, jan. 2001. (MENDES, 2005).

Segundo Mendes (2005), que em sua pesquisa procurou compreender e analisar o surgimento e o desenvolvimento e as possibilidades de reprodução dos pequenos produtores rurais no Brasil na conjuntura atual, em especial no município de Catalão (GO), o trabalho é ensinado de pai para filho, tendo por base um conjunto de conceitos práticos. Adquire maior conhecimento o filho que passa mais tempo com o pai, o que explica o porquê dos primogênitos geralmente herdarem a sede da propriedade e, muitas vezes, comprarem algumas (senão todas) as porções de terras dos irmãos mais novos. Os filhos acompanhavam os pais desde muito cedo (em geral a partir de oito, nove anos) na lida no campo, trabalhando no cultivo da terra e/ou no trato dos animais.

O trabalho era visto nesse período como um complemento para a educação dos filhos que enfrentavam longas jornadas de trabalho – chegando a dez, doze horas diárias. “O conhecimento técnico, apreendido no decorrer da formação cultural dos descendentes, é visto como essencial para assegurar a sua própria reprodução.” (MENDES, 2008, p. 150). As filhas acompanham as mães nos mais diversos trabalhos domésticos. As mães, como as principais responsáveis pela construção dos laços familiares, possuíam as ocupações mais diversas: buscavam água nos córregos, recolhiam lenha, cultivavam hortaliças, socavam arroz no pilão, faziam polvilho, farinha de mandioca, teciam, costuravam, cozinhavam e, além de tudo, cuidavam dos filhos. Embora haja muito trabalho a ser feito, as atividades realizadas por essas famílias de pequenos produtores não asseguram, na maioria das vezes, a remuneração de todos os membros da família, não sendo, assim, suficientes para suprir as despesas familiares. Uma consequência direta é a diminuição do número de integrantes das famílias que permanecem no campo. Na verdade, a reprodução dessas propriedades ocorre graças a um tradicionalismo da história brasileira.

Venâncio (2008) fez também em seu trabalho uma discussão sobre as famílias, onde o autor mostra que na comunidade São Domingos a realidade é relativamente parecida com os estudos de Mendes (2005). Nesse local, as famílias também eram numerosas, mas os filhos iniciavam-se no trabalho junto aos pais um pouco mais cedo, por volta dos sete ou oito anos. As meninas, embora mantivessem seu papel de auxiliar as mães, faziam também muitos dos trabalhos dos meninos.

É importante fazer uma discussão sobre o papel da mulher na família e nas comunidades rurais. Conforme foi exposto, as meninas desde cedo ajudavam as mães nos afazeres domésticos. Isso era visto como uma atividade natural, considerando que eram preparadas, desde muito cedo, para o casamento. Assim, elas deveriam dominar atividades como cozinhar e tecer. Há um grande contraste quando se compara a vida dos meninos e das meninas. Relatos encontrados na obra de Venâncio (2008) mostram que, enquanto os filhos tinham vida social relativamente ativa, as filhas somente saíam em companhia dos pais, e seus namoros eram breves, logo se casando. Uma vez casada, o relacionamento só acabava por ocasião da morte de um dos cônjuges.

Os preconceitos relativos à mulher devem-se aos costumes tradicionais de uma sociedade patriarcal, onde o pai é o responsável pela família. Esse quadro se mantém vivo ainda hoje, mesmo quando se considera todo o espaço que a mulher tem conseguido no mercado de trabalho na sociedade atual.

Quando se trata da família, surgem naturalmente questões relativas ao parentesco e à maneira como esse é tratado nas comunidades rurais. Tedesco (1999), que realizou pesquisas referentes à terra, ao trabalho e à família dos colonos no sul do Brasil, quando trata da questão do parentesco diz que os laços de sangue desenvolvem-se mais do lado simbólico.

A relação de parentesco, ao que nos pareceu, funciona mais como direção de consideração, obrigação e reconhecimento e/ou ‘conhecido’ do que por amizade, coleguismo e solidariedade; é um reconhecimento de sangue.(TEDESCO, 1999, p. 166).

Nesse tipo de relação, a identidade moral e social parece estar fortemente ligada ao sangue, como se essa identidade pudesse ser herdada pelos membros de uma mesma família. Assim, Tedesco (1999) coloca o parentesco como uma relação em que predomina a obrigação, o que difere fortemente da relação existente entre vizinhos, que é mais permeada pela solidariedade, que surge de forma natural e sem cobranças. Não que, via regra, não haja também a solidariedade entre parentes, mas essa apresenta-se de maneira mais acentuada nas relações de vizinhança.

A solidariedade, desempenha um importante papel nas relações de trabalho no campo. A unidade de trabalho é essencialmente familiar, com a transmissão do saber sendo passada de geração a geração. Entretanto, alguns problemas poderiam surgir se a realização dos trabalhos inerentes à propriedade se limitasse somente aos moradores da casa, dada a necessidade de mais pessoas para realizarem determinados tipos de serviços. Uma das formas de solucionar esse problema, ou seja, a falta de mão-de-obra na comunidade era o mutirão, muito comum no meio rural. O mutirão ocorria quando um morador estava com serviço atrasado e convocava parentes e vizinhos para ajudá-lo, oferecendo um almoço e, frequentemente, realizando algum tipo de festividade ao final do dia. Esse tipo de atividade, embora seja hoje pouco utilizada, já foi uma forma comum de trabalho, consistindo na solidariedade entre amigos, vizinhos e parentes. Tais serviços vão desde os trabalhos como o plantio, a capina, a colheita, até atividades como fiar e tecer, ocorrendo geralmente aos sábados.

Um fato particularmente interessante nos mutirões é o motivo pelo qual as pessoas são levadas a participarem desses movimentos. De maneira geral, estão todos ligados por laços de consangüinidade ou de amizade e as razões pelas quais todos se reúnem vão muito além dos ganhos materiais. Muitos são os relatos que tratam dessas razões. Segundo Candido (1999),

[...] Um velho caipira me contou que no mutirão não há obrigação para com as pessoas, e sim para com Deus, por amor de quem se serve o próximo; por isso a ninguém é dado recusar auxílio pedido. Um outro, referindo-se ao tempo de dantes, dizia que era o “tempo da caridade” – justamente por essa disposição universal de auxiliar na lavoura a quem solicitasse. (CANDIDO, 1999, p. 68, grifos do autor).

Isso demonstra que o mutirão não se trata de um movimento de piedade, mas, antes, um gesto de amizade e compromisso que as pessoas tinham com os amigos, parentes e vizinhos.

Outra forma de trabalho é a “traição”. Diferentemente do mutirão, em que o proprietário da comunidade convidava os amigos e vizinhos para participarem e, ainda, promovia festividades ao final, a traição ocorria quando as pessoas percebiam que determinado morador estava precisando de ajuda e este não poderia fazer a convocação no momento. Dessa forma, amigos, parentes e vizinhos se organizavam sem o conhecimento prévio do beneficiário, e procuravam surpreendê-lo – muitas vezes conseguindo. O morador ao qual era dada a surpresa

era acordado de madrugada, com farra e fogos e geralmente a sua esposa era avisada previamente, para que se preparasse para cuidar das refeições.

Assim como ocorre com o mutirão, atualmente a traição é também pouco praticada. Na comunidade São Domingos, por exemplo, era comum a participação de até 100 pessoas em eventos como a traição, mas hoje, nas raras vezes que ele ocorre, o número de participantes fica entre 10 e 15 (VENÂNCIO, 2008). Outras denominações comuns para essa atividade é “treição”, na comunidade Coqueiro, município de Catalão (MENDES, 2005), e “Ajuda” ou “Ajutório”, em algumas partes de Minas Gerais (CANDIDO, 1999).

Hoje as relações familiares e de trabalho sofreram modificações consideráveis, que melhor se evidenciam no vínculo entre pais e filhos e na composição de todo o núcleo familiar. Com o passar das gerações, sucessivas divisões foram realizadas, o que culminou na diminuição do tamanho dessas propriedades, tornando-as economicamente inviáveis para o sustento de toda a família. Essa situação tem levado os filhos a deixarem a propriedade, indo para a cidade em busca de melhores condições de vida e de trabalho.

Isso ocorreu, também, em consequência das transformações no processo produtivo e de urbanização, que se iniciou na década de 1970 levando membros das famílias (ou até famílias inteiras) a deixarem a zona rural, em busca de novas atividades urbanas. Um dos meios utilizados para tentar conter essa situação é a utilização de técnicas baseadas na extensão rural. Segundo Andrade et al. (2000), os programas de apoio ao homem do campo não têm sido adequados à realidade do pequeno produtor, sendo necessária uma reavaliação do que é ensinado nas universidades.

Ainda segundo o autor, o uso da extensão rural procura valorizar os costumes, as crenças e as formas tradicionais de trabalho do produtor. Conhecendo essa realidade, um técnico terá maiores chances de obter êxito no apoio ao homem ao campo. Ainda assim, muitas mudanças ocorreram no ritmo de vida dessas pessoas, o que levou os filhos, gradativamente, se afastarem de muitas tradições, sendo um motivo de tristeza para os mais velhos, que temem o fim de uma identidade cultural. Na tentativa de reverter ou pelo menos amenizar esse quadro, os mais velhos se apoiam na prática de tradições e na religiosidade.

Dada a grande quantidade de propriedades onde se pratica a agricultura familiar e sua participação junto ao mercado consumidor, é possível compreender sua importância na economia brasileira, em especial no município de Catalão (GO). A chegada do capitalismo no campo e a modernização do setor agrário trouxeram consigo importantes mudanças, que ao mesmo tempo que levaram muitas famílias de agricultores familiares a deixarem o campo, ao mesmo tempo que fez com que outras aperfeiçoassem e adaptassem suas formas de trabalho e produção, procurando manterem-se o mais próximo possível de seus costumes. É importante que esses produtores tenham à disposição programas de apoio que, além da darem o suporte técnico necessário, não desprezem também suas formas tradicionais de trabalho.

4 Comunidades rurais, tradições religiosas e ‘festas de roça’

A territorialidade manifesta-se também na cultura das pessoas que vivem em comunidade. Os costumes, muitas vezes frutos de tradições religiosas, dão margem a amplas discussões sobre o povo que habita determinada região. O que é feito a seguir é um recorte da vida cultural dos agricultores familiares do município de Catalão (GO). Ao estudá-las, percebe-se que uma das principais formas de manifestação culturais dessas comunidades está relacionada com a religiosidade. Isso pode ser verificado quando se considera a organização de terços, de festas em louvor aos santos padroeiros de cada região e mesmo na presença de figuras como a benzedeira.

Em estudos, envolvendo o campo da geografia cultural, Corrêa (1999, p. 52) definiu a cultura como um “conjunto de técnicas, atitudes, idéias e valores, apresentando assim componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos”. Os aspectos culturais dos produtores rurais podem ser estudados tomando por base diferentes pontos, como as relações familiares, a

forma de trabalho, as tradições religiosas e ‘festas de roça’. Um fator de destaque é a religiosidade, muito presente no cotidiano dessas famílias. Na região rural do município de Catalão (GO), a religião predominante é a católica, sendo quase todos praticantes. As tradições religiosas podem ser vistas como um artifício utilizado pelos integrantes desse meio, como forma de preservar sua identidade em face das novas culturas impostas pela sociedade contemporânea.

Os aspectos aqui estudados estão no âmbito das comunidades rurais. Entende-se comunidades rurais como comunidade religiosa e comunidade de lugar. Para Buber (1987), comunidade rural se define como uma associação orgânica de personalidades definidas a partir de seu relacionamento com o outro, dentro de uma comunidade. Outro aspecto a ser considerado é a questão do parentesco. Segundo Woortmann (1995), os habitantes da comunidade estão ligados pelos laços de parentesco, de compadrio e de afetividade.

Andrade (2008), em pesquisa realizada na comunidade rural Tenda do Moreno em Uberlândia (MG), estudou diversos aspectos do cotidiano do lugar, principalmente no que se refere à religiosidade. Segundo o autor, é importante analisar a maneira como a religião influi no cotidiano dessas pessoas, visto que o morador das comunidades rurais estabelece uma espécie de código de conduta, permeada pela idéia da obrigação para com a religião. Sobre o assunto, Castells (2006) afirma que, a religião, assim como a história, a geografia, a biologia e todas as memórias coletivas e fantasias formam a base para a construção de uma identidade. Essa realidade pode ser observada também nas comunidades rurais do município de Catalão (GO). A Figura 2 mostra uma igreja na Comunidade Coqueiros.



Figura 2 - Comunidade Coqueiro - Catalão (GO): atual Igreja dos Coqueiros. Autor: I. M. Ferreira, jul. 2003. (MENDES, 2005).

Para Tedesco (1999), ao redor da capela é criado todo um espaço de vivência, a sociedade da capela. Toda a vida da comunidade, desde assuntos relacionados ao sagrado até as atividades corriqueiras da vida social passam-se nesse espaço, onde formam-se pequenos conglomerados de casas, a escola, o cemitério, dentre outros estabelecimentos. É nesse ambiente que conceitos como a terra, moral e afetividade ganham significado público, de maneira que cada indivíduo assume publicamente (diante dos demais membros da comunidade que se forma ao redor da capela) as responsabilidades inerentes ao seu ramo de atuação ou à sua posição social. Nesse espaço, é comum que se faça discussões sobre a vida e os problemas da comunidade, apontando o motivo de tais problemas como a falta de reza dos moradores. Nesse ambiente, é comum que os ritos religiosos muitas vezes misturem-se e/ou confundam-se com as tradições e costumes locais considerados não sacrais pela igreja, mas enraizados nas tradições dos moradores, sendo esse o caso de crenças como benzimentos, curas e simpatias. Essa situação leva a um ponto onde não é mais possível distinguir o sagrado do profano.

O fato de muitas propriedades ficarem demasiadamente afastadas ou serem de difícil acesso faz com a ida de padres e demais representantes da igreja seja dificultada, o que muitas vezes leva aos fiéis a encontrarem formas alternativas para manifestarem sua fé, dando margem a

modificações nos ritos religiosos (Tedesco, 1999). Um exemplo disso são as crenças relacionadas aos desígnios da natureza, conforme é discutido por Andrade (1987),

Quer os ritos do trabalho, quer os de toda a vida cotidiana rural, estão subordinadas aos desígnios das forças naturais – ao sol, e á chuva, ao dia e á noite, ao calor e ao frio, á sucessão cíclica, mas sempre diversa das estações - desígnios tanto mais insondáveis e incontroláveis, quanto menores forem os recursos tecnológicos disponíveis. Radicadas nessa experiência vivida, as ideologias práticas camponesas tendem a encontrar uma harmonização, ou mesmo uma homologia estrutural, com todas as propostas susceptíveis de identificar e devolver preeminência a poderes sobrenaturais, á capacidade organizadora duma providencia divina. Por outro lado, a própria imprevisibilidade de resultados á "idolatria da natureza" (Marx) e á necessidade de técnicas propiciatórias para lidar com ela, como responsável direta e imanente de êxitos e insucessos. (ALMEIDA, 1987, p. 232).

Esses fatores mostram que os moradores das comunidades rurais, embora não estabeleçam propriamente uma estrutura religiosa própria, muitas vezes se vejam influenciados por figuras não católicas, como curandeiros, feiticeros e a benzedeira. Como aponta Tedesco (1999), é comum que a ajuda da medicina oficial seja feita somente após a utilização de meios alternativos de curas ou mesmo após atos religiosos.

A influência religiosa assume também uma outra forma, contribuindo para a realização de festividades. As festas podem ser consideradas como uma forma de romper com a rotina, após muito tempo de trabalho. Elas constituem também um elemento de sociabilidade entre as famílias e vizinhos. No caso específico das festas rurais das comunidades do município de Catalão (GO), elas são geralmente organizadas tendo por motivação preceitos religiosos, visto que, conforme destaca Cândido (1999), que realizou amplos estudos sobre a cultura do “caipira” no município de Bofete (SP), as festividades rurais são meios usados pelos produtores para agradecer aos santos pela fartura alcançada no ano. O ciclo de festas no município de Catalão (GO), chamadas popularmente de “festas de roça”, as quais já foram temas de pesquisas, concentra-se entre os meses de maio e agosto.

Segundo Mendes (2005), tais festas em geral começavam com a devoção de algum morador, que iniciava um terço em louvor a um santo, por uma graça alcançada. Esse convidava também seus vizinhos a participarem da reza. Para eles, os santos “parecem ser responsáveis pela personificação das relações com o sagrado; são vertentes de religiosidade que brotam da necessidade de achar soluções para as dificuldades do vivido” (Tedesco, 1999, p. 83). Ainda segundo Tedesco (1999), a reza do terço aumenta os graus de afetividade e solidariedade entre seus participantes. Com o passar do tempo, a devoção passou a ser, também, manifestada com comemorações, que aconteciam após o ato religioso.

O número de participantes aumentou gradativamente, de tal maneira que foi necessário encontrar locais mais apropriados para essa atividade, o que resultou na construção de capelas. As festas de roça constituem, além do caráter religioso, uma manifestação social, uma forma de reunir e rever parentes e amigos das regiões circunvizinhas. Venâncio (2008) diz, ainda, que essas festas incluem a dança, o terço cantado e o preparo de comidas típicas da região, que muitas vezes são servidas de graça aos participantes, como ocorre na comunidade São Domingos no município de Catalão (GO), por exemplo.

As festas mais conhecidas nas comunidades rurais do município de Catalão (GO) são: a Folia de São Sebastião, na comunidade Mata Preta, que ocorre de 17 a 20 de janeiro, sendo realizada a cada ano em uma casa diferente; a Encomenda das Almas, na comunidade Mata Preta, que representa uma tradição centenária e ocorre durante os três últimos dias da Semana Santa, entre quarta e sexta-feira. A Festa da Fogueira de São João, na comunidade Ribeirão, realizada no dia 24 de junho, onde ocorrem os tradicionais batismos na fogueira.

Hoje em dia, a parte religiosa dessas festas realizadas no município de Catalão (GO) fica a cargo de um pequeno grupo, que organiza as missas e a reza dos terços, enquanto a maioria dos

participantes, vinda da cidade de Catalão (GO) ou de cidades vizinhas, comparecem somente pela festa em si (VENÂNCIO, 2008). Embora determinados valores sejam degradados pelo processo de urbanização, a ruralização presente nas tradicionais festas religiosas podem ser interpretadas como uma reação às mudanças impostas, sendo uma forma de manter suas tradições. Desse modo, todos esses aspectos mostram que o espaço de vivência do homem do campo incorpora toda a história de várias gerações, com seus valores e modos de vida.

O uso das festas e tradições como meio de conservar a identidade pode ser constatado em diversas situações. No estudo da comunidade São Domingos, em Catalão (GO), Venâncio (2008) faz relatos sobre a Festa do Arroz, na qual os próprios organizadores (moradores dessa comunidade) não fazem questão de divulgar, uma vez que a presença de pessoas de fora da comunidade tende, segundo eles, a fazer com que esses eventos percam suas características originais.

A festa em louvor Nossa Senhora da Abadia, na comunidade São Domingos foi extinta a cerca de quarenta anos atrás, por não mais encontrar pessoas dispostas a organizá-la. Esse é um exemplo de tradição que não conseguiu se manter com o tempo. Por outro lado, nessa mesma região, ainda, é praticada a novena de São Sebastião, que é realizada há quase um século e meio. A crença popular considera São Sebastião o protetor contra a peste, a fome e a guerra, e dessa maneira, os agricultores confiam a ele toda a sua produção. Um ponto que diferencia essa festa das demais festas de roça é o fato de não haver uma data fixa para sua realização, embora a data oficial do santo padroeiro seja no dia 20 janeiro, não há uma data estabelecida para a festa, ocorrendo todo ano entre os meses de maio e agosto, numa data que seja a mais apropriada ao festeiro. Atualmente, essa festa recebe centenas de participantes por dia, sendo que em 2007 houve uma participação estimada entre 400 e 500 pessoas.

O grande número de participantes, assim como a ampla divulgação das festas de roça são fatores que evidenciam o quanto esses eventos têm se adaptado com o passar do tempo. Embora algumas delas não tenham resistido ao tempo, caindo no desinteresse dos próprios moradores das comunidades onde eram realizadas (como ocorreu com a festa em louvor à Nossa Senhora da Abadia, na comunidade São Domingos), essas festas são ainda uma das mais marcantes manifestações culturais desse povo. Mesmo sendo muitas vezes vistas como momentos de confraternização e de alegrias, em que os produtores, após dias de trabalhos intensos, encontram uma forma de romper com a rotina de grandes sacrifícios, é importante frisar que elas estão fortemente fundamentadas no sentimento religioso, que impulsiona todas essas atividades e constituem uma das principais características dos moradores dessas comunidades.

5 Considerações finais

A vida dos produtores familiares passou por muitas mudanças nas últimas décadas. A partir da década de 1960, observou-se o surgimento de novas relações de trabalho e de produção no campo, como efeito da implantação do modelo capitalista no setor agrário. Esse modelo prometia oferecer novas formas de utilização dos recursos naturais, o que levaria a maiores ganhos econômicos por parte dos produtores rurais. Embora tenha atendido bem aos interesses da chamada agricultura empresarial moderna, que adota práticas como monocultura (milho e soja, por exemplo) e produção voltada para a exportação, o modelo de modernização não trouxe grandes benefícios ao produtor familiar, que estava mais habituado a trabalhar com policultura e muitas vezes não dispunha de créditos ou de conhecimentos técnicos necessários para aderir ao novo modelo. Toda essa situação tem levado à gradativa diminuição da população rural, pois muitos são os que não conseguem tirar da propriedade ganhos financeiros suficientes para garantir o sustento de toda a família e a manutenção da propriedade. Embora tenham enfrentado muitas dificuldades desde então, os produtores familiares têm um papel de destaque junto à sociedade urbana, uma vez que eles são os responsáveis por grande parte dos produtos alimentícios que abastecem as cidades.

Os reflexos da modernização do campo só foram sentidos em Catalão (GO) a partir da década de 1980. Houve uma grande procura por terras, por parte de migrantes vindos principalmente do sul do país e região de São Paulo. Muitos produtores da região venderam suas propriedades (ou partes delas) por valores relativamente baixos, uma vez que terras de topografia plana apresentavam um baixo valor imobiliário. Entretanto, elas eram perfeitamente adequadas aos interesses dos migrantes, que posteriormente investiriam em maquinários. As lavouras modificaram as paisagens, antes compostas por grandes pastagens naturais e por áreas nativas de Cerrado. Modificou também as relações de trabalho, com a proletarização do campo.

Na tentativa de se manterem na propriedade e dela tirarem seu sustento, os produtores rurais do município de Catalão (GO) que praticam a agricultura familiar apostaram em estratégias como a diversificação da produção, assim como a valorização de produtos típicos da região. A forma como o trabalho é desenvolvido tende a não se afastar das práticas tradicionais, o que acaba sendo também uma forma desses produtores não se afastarem muito de suas raízes, preservando assim uma identidade cultural que se firmou ao longo das gerações.

Manter a identidade cultural em face de uma realidade que tem se firmado nas últimas décadas é um grande desafio ao pequeno produtor rural, uma vez que a própria composição do núcleo familiar tem sofrido mudanças. A adoção de métodos contraceptivos tem levado à diminuição do número de filhos e muitos destes têm migrado para a cidade, em busca de oportunidade de melhores rendimentos, condições de trabalho e lazer. Aqueles que preferem não deixar a propriedade costumam dividir seu tempo entre o trabalho no campo e os estudos na cidade. Os mais velhos vêm com pesar essa situação, no temor de que essas mudanças façam com que os mais jovens se afastem das tradições cultivadas por seus pais e avós.

Ainda assim, o estudo das comunidades rurais do município de Catalão (GO) mostra que, mesmo com tantas mudanças, o apego às práticas religiosas é ainda muito forte nessa região, fazendo com que a religiosidade seja uma das principais manifestações culturais nesse meio e uma das principais formas de manter a identidade cultural desse povo. Embora figuras como a da benzedeira já não sejam tão comuns no meio rural, um outro tipo de manifestação se popularizou ao longo do tempo: as festas de roça, realizadas em louvor aos santos padroeiros de cada região.

As festas de roça são um exemplo de cultura que procurou se manter ao longo do tempo, mas que teve que se submeter às adaptações para sobreviver à realidade contemporânea, tais como acomodar visitantes de outras comunidades ou mesmo da zona urbana do município. Como foi visto, a origem dessas festas estava baseada no ato religioso, sendo a comemoração um interesse secundário. Entretanto, o que se observa hoje é que, embora ainda haja um grupo que compareça a esses encontros por razões religiosas, a grande maioria participa não pelas tradições, mas pela festa em si.

Os fatores apresentados possibilitam um entendimento mais claro no que diz respeito à vida do produtor familiar que habita as comunidades rurais do município de Catalão (GO). Verifica-se a forte relação entre trabalho e cultura, uma vez que esses produtores se concentram no cultivo de produtos típicos da região, na tentativa de suprir grande parte das necessidades alimentícias da família e, sempre que possível, destinar parte da produção ao mercado consumidor local/regional. Já a cultura pode ser vista sob duas vertentes: os costumes e a religião. Os costumes ficam evidentes quando se considera a forma como diversas atividades (como o plantio e as formas de trabalho) são realizadas, lançando mão de técnicas aprendidas com os pais e os avós. Quanto ao aspecto religioso, são as festas de roça os maiores expoentes de manifestações culturais praticadas por esse povo. Todos esses fatores são os elementos que servem de base à territorialidade dos produtores rurais do município de Catalão (GO).

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Hucitec: 1992. 275 p. (Estudos Rurais, 12).

- ALMEIDA, M. G.; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (Org.). **Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Vieira, 2008. 313 p.
- AMORIM FILHO, O. B. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. **Sociedade & Natureza**. Uberlândia, n. 21 e 22, p. 67-87, jan/dez. 1999.
- ANDRADE, R. B. Práticas sócio-culturais e religiosas como elementos constituintes do lugar. In: ALMEIDA, M. G.; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (Org.). **Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Vieira, 2008. p. 166-203.
- BUBER, M. **Sobre comunidade**. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva. 136 p.
- BRUMER, A. et al. A exploração familiar no Brasil. In: LAMARCHE, H. (Coord.). **Agricultura familiar**. Tradução Ângela M. M. Tigiwa. Campinas: UNICAMP, 1993. p. 179-234, (Coleção Repertórios).
- CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 8. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1999. 284 p.
- CASTELLS, M. **O poder da Identidade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. v. 2. p. 17-92.
- CORRÊA, R. L. Geografia Cultural: passado e futuro – uma introdução. IN: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Manifestações da cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. 248 p.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 224 p.
- DIDONET, A. D. Agricultura familiar e sustentabilidade. 2003. Disponível em : <[http: www.sectec.gov.br/artigos-publicacoes.htm](http://www.sectec.gov.br/artigos-publicacoes.htm)>. Acesso em: 5 abr. 2003.
- GARCIA, O. C.; SCARAMAL, E. Saber e cultura na família rural. In: ENCONTRO REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO PROJETO DE INTERCÂMBIO DE PESQUISA SOCIAL EM AGRICULTURA – APIPSA, 5, 1995, Goiânia. **Anais...** Goiânia: APIPSA, UFG, 1995. p. 110-120.
- LAMARCHE, H. (Coord.). **Agricultura familiar: comparação internacional**. Tradução de A. M. N. Tijiwa. Campinas: Unicamp, 1993, v. 1 (Coleção Repertórios).
- MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples**: São Paulo: HUCITEC, 2000. 210 p. (Ciências Sociais, 43).
- MENDES, E. de P. P. Identidades sociais e suas representações territoriais: as comunidades rurais no município de Catalão (GO). In: ALMEIDA, M. G.; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (Org.). **Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Vieira, 2008. p. 137-165.
- MENDES, e. de P. P. **A produção familiar em Catalão (GO): a comunidade Coqueiro**. 2001. 202 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.
- MENDES, E. de P. P. **A produção rural familiar em Goiás: as comunidades rurais em Catalão**. 2005. 294 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.
- _____. Questões teóricas-metodológicas da produção rural familiar. **Sociedade & Natureza**. Uberlândia, n. 26 a 29, p. 113-132, 2002/2003.
- SILVA, K. F. **Um ato de fé e união na comunidade Mata Preta no município de Catalão**. 2006 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, Catalão (GO), 2006.

- TEDESCO, João Carlos. **Terra, trabalho e família**; racionalidade produtiva e ethos camponês. Passo Fundo: EdUPF, 1999.
- WAGNER, P. L.; MIKESELL, M. W. Os temas da geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 27-61.
- WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do campensinato brasileiro. In; TEDESCO, J. C. (Org.). **Agricultura familiar**: realidades e perspectivas. 3. ed. Passo Fundo: UPF, 2001. p. 21-5
- WOORTHMANN, E. F. **Herdeiros, parentes e compadres**. Herdeiros do sul e sitiantes do nordeste. São Paulo: Hucitec, Brasília: EDUnB, 1995. 336 p.
- VENÂNCIO, M. **Território de esperança**: tramas territoriais da agricultura familiar na comunidade rural São Domingos em Catalão (GO). 2008. 178 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.